



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SAMIRA EL ADASS

**PROPOSTA DE ENSINO DO CONTEÚDO GÊNERO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

SAMIRA EL ADASS

**PROPOSTA DE ENSINO DO CONTEÚDO GÊNERO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho apresentado ao curso de Especialização Educação Física na Educação Básica da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação Física.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dr^a Karina Toledo de Araújo
Universidade Estadual de Londrina
Orientadora

Prof. Dr. Antônio Geraldo M.G. Pires
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Thiago Pelegrini
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 29 de outubro de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Universidade Estadual de Londrina, por me proporcionar mais uma oportunidade de formação profissional.

Agradeço a todos que me ajudaram a concluir esta etapa de minha formação, minhas amigas e amigos que me apoiaram, aos meus professores que me ensinaram, inspiraram e me provocaram a sempre querer buscar e aprender algo novo e a minha família.

Um agradecimento especial é para minha orientadora e inspiradora Karina que sempre me auxiliou, orientou e entendeu todos os meus inquietamentos.

Agradeço aos professores que compõem minha banca, professor Thiago, que sempre foi resistência em tempos que a democracia está sendo atacada, me ensinando a ser leve, porém resistir. Muito obrigada.

Ao professor Antônio Geraldo, que pela primeira vez me disse sim. O tenho como referência de professor e pessoa que pretendo ser, sempre me apoiando no processo de empoderamento. Muito obrigada.

“Qual é a maior lição que uma mulher pode aprender? Que desde o primeiro dia, ela sempre teve tudo o que precisa dentro de si mesma. Foi o mundo que a convenceu que ela não tinha.” **Rupi Kaur**

ADASS, Samira El. **PROPOSTA DE ENSINO DO CONTEÚDO GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ENSINO FUNDAMENTAL.** Monografia. Curso de Especialização em Educação Física na Educação Básica - Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2021.

RESUMO

O trabalho ora apresentado apresenta uma proposta para o ensino do conteúdo gênero e esporte para a etapa final dos anos finais do ensino fundamental. Com relação ao conteúdo esporte, tomamos como referência a proposição contida na Base Nacional Curricular Comum (BNCC). A pesquisa é bibliográfica de cunho qualitativo e exploratório toma como referencial teórico os Estudos de Gênero. A proposta do ensino do conteúdo gênero e esporte está descrita em três planos de aula. O principal objetivo é evidenciar as possibilidades de abordagem desses conteúdos apesar da invisibilidade dos temas relacionados às problematizações sobre relações de gênero nos documentos orientadores para o ensino da Educação Física no ensino fundamental. O gênero, na educação, é uma das inúmeras maneiras de lutar para a mudança no quadro de violência, preconceitos e estigmatização. Os estudos de gênero destacam a diversidade das pessoas, buscando “desnaturalizar” as diferenças de gênero, indicando para o modo como elas são culturalmente construídas e enfatizando o fato de que fazem parte dos interesses e processos sociais de dominação e exclusão presentes nas relações de poder que permeiam o conjunto das relações sociais. As construções teóricas metodológicas apresentadas na pesquisa contribuiu para certificar que é preciso discutir gênero na escola, não usando como ‘desculpa’ a falta de respaldo curricular nacional. Assim mesmo que não previsto é possível e necessário tematizar gênero nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Gênero. Educação Física. Ensino Fundamental. Esporte. BNCC.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	15
3. O ENSINO DO CONTEÚDO GÊNERO E ESPORTES NA SEGUNDA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL	20
3.1 SUGESTÕES PARA O ENSINO DE ESPORTES, GÊNERO E DIVERSIDADE A PARTIR DA CLASSIFICAÇÃO DA BNCC	23
3.2 MODELOS DE PLANOS DE AULA SOBRE O ENSINO DE GÊNERO COM A UNIDADE TEMÁTICA ESPORTE.....	27
3.3 ANÁLISES SOBRE A PROPOSTA DO ENSINO DO CONTEÚDO GÊNERO NA UNIDADE TEMÁTICA ESPORTE.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

A discussão sobre a temática gênero no âmbito educacional e, em específico na Educação Física, têm ocupado mais espaços nas pautas devido as demandas sociais voltadas a gênero e suas imbricações, isto significa que pensar e discutir sobre gênero pode ser um caminho para renovação no campo de investigação das diversidades, algo significativo para a mudança da área, caminhando para pensamentos e ações em direção a equidade de direitos.

Mas, ao se tratar do conceito 'gênero', ainda há muitas dúvidas e confusões conceituais principalmente no senso comum devido à diferentes influências de pensamentos, crenças, valores e posições político-ideológicas que deturpam as referências e discussões de gênero na sociedade e na escola. devido a relação que se faz sobre o ensino de gênero “ameaçar” as relações de poder hegemônicas estabelecidas dentro de uma sociedade patriarcal, machista e conservadora, pois coloca em evidência a conscientização sobre a submissão feminina e a luta para a conquista de direitos iguais e de espaços sociais e políticos

As relações hegemônicas patriarcais correspondem ao pensamento de hierarquização social, no qual os homens são direcionados a papéis sociais 'mais importantes', aqueles que possuem caráter essencial e que a remuneração seja maior. Segundo Aguiar (2015), o patriarcado coloca no centro da discussão o poder do homem sobre a mulher. Nestes sistemas, as mulheres estão em patamar de desigualdade tendo uma série de obrigações em relação aos homens, obrigações ligadas ao âmbito privado (casa, afazeres domésticos); manutenção de relações conjugais mesmo contra sua vontade, além de um grande controle sobre sua sexualidade e sua vida reprodutiva. Por isso há resistência ao se tratar desta temática, pois ao discutir sobre gênero, equidade de direitos, coloca esse sistema supracitado, com práticas excludentes e mantenedoras de desigualdades sociais, em conflito, tornando-se desfavorável dentro de uma perspectiva equitária de direitos.

Para tanto, neste trabalho ao conceituarmos gênero, será considerado as relações de poder articuladas com as relações socio-culturais, haja visto que essa consideração é fundamental para o esclarecimento deste conceito,

desvinculando-o dos aspectos biologicistas. Ou seja, gênero é diferente de sexo e diferente de sexualidade, apesar de possuírem relações entre si.

Sexo está designado ao biológico (macho, fêmea, intersexual), gênero possui relação com o social e cultural, assim o sexo não determina automaticamente o gênero, pois essa determinação de gênero entendida apenas pelo sexo de nascimento é chamada de determinismo biológico, Andrade (2011), revela que a biologização das diferenças sexuais sempre direciona para a atribuição de papéis sociais de homens e mulheres. O autor explica que quando tais papéis sociais são analisados, percebe-se que os mesmos apontam para uma divisão sexual do trabalho em que os gêneros são assimetricamente distribuídos em funções ou cargos que revelam desigualdades sociais. Scott (1995), completa dizendo que esta construção simbólica sobre mulheres e homens, repercute para além da divisão do trabalho, mas também ao acesso à educação e a violência sexual. Por isso é significativo esclarecer o conceito de gênero e por meio dele ampliar os conhecimentos acerca da temática; garantir o respeito as diferenças; proporcionar ações afirmativas que não utilizem o gênero como critério de exclusão.

Araújo (2015) afirma que gênero está para além do biológico, pois enfatiza a noção de cultura, situando-se na esfera social, abordando não sobre as diferenças sexuais, mas sobre a forma como a diferença sexual é apresentada e representada. Scott (1994) acrescenta que gênero além de ser um elemento constitutivo das relações sociais baseado em diferenças percebidas entre os sexos é, também, uma forma primeira de dar significado às relações de poder. A partir do conceito de gênero, primeiramente apresentado pelo movimento social feminista, é proposto uma nova organização social, na qual a equidade de direitos é a base, ou seja, a divisão do trabalho não é mais determinada pelo gênero tão pouco os papéis sociais.

Para que essa perspectiva atinja os diversos setores da sociedade, é necessário discutir sobre gênero nas diferentes instituições sociais, uma delas é a escola. Pois é na escola que os indivíduos passam a maior parte de sua vida; produzem conhecimentos; realizam interações sociais; estão diante a diferentes contextos sociais, econômicos, culturais; constroem relações; interagem com meio. Louro (1999), explica que a escola apresenta contradições, explicitado por meio de sua força e poder de pôr em questão os próprios conteúdos que ela

ensina como os conceitos, valores e atitudes. Neste sentido, a autora elucida que por um lado a escola produz as desigualdades (sociais, culturais, de gênero); por outro, pode ser um meio de promover a tomada de consciência dos indivíduos sobre seus atos e formas de pensar.

A escola é um espaço não só designado para o ensino de conteúdos disciplinares/científicos, também, para promover a consciência sobre as relações sociais existentes e formação crítica para a conquista de uma sociedade mais democrática, inclusiva, equitativa, em que estudantes aprenderão que é possível o convívio com a diferença longe da violência e opressão. Uma escola que promova a equidade de gênero não é uma escola que ensina crianças e adolescentes a terem orientações sexuais homoafetivas, ou a iniciação sexual precoce e inadequada, ou incentiva a pedofilia. Na verdade, é um espaço pedagógico no qual se aprende de maneira ampla e científica o respeito mútuo como base para qualquer coisa. Louro (1995), apresenta que este processo de ensino é possível por meio da problematização do contexto histórico, político, social e econômico da produção e manutenção desses saberes como verdades admitidas e aceitas pela sociedade.

Portanto, a escola é uma instituição social responsável por manter, modificar, produzir, explicar, ensinar, diversos conhecimentos, dentre eles os relacionados à cidadania, ao respeito as diferenças, se fazendo necessário repensar a função social e política da mesma. Deste modo, fica notório a importância do tratamento do conteúdo gênero na escola e em específico nas aulas de Educação Física.

Sendo assim, há uma urgente necessidade de se discutir a temática gênero nas escolas, pois as práticas excludentes generificadas se manifestam de diversas maneiras, seja pelo uniforme, pelos espaços ocupados, pela divisão das tarefas, pelas filas e também pelas práticas corporais, ou seja, nas aulas de Educação Física são pré-determinados quais os movimentos corporais (esportes, jogos, danças, lutas e ginásticas) que irão realizar, tendo como base os papéis sociais pré determinados biologicamente. Neste sentido, meninas realizam movimentos que priorizam a doçura, delicadeza, e feminilidade, já os meninos os movimentos que priorizam a força, a agilidade, valorizando sua masculinidade. Em jargões populares 'futebol é coisa de menino e ballet coisa de menina'. Isto ocorre devido a 'naturalização' das condutas

sociais, Louro (2003), explica que a maneira como as características sexuais são representadas ou valorizadas em uma dada sociedade e em um dado momento histórico, constitui o caráter fundamentalmente social do conceito de gênero, uma vez que neste processo, ocorre a construção; padronização e perpetuação de papéis e comportamentos adequados aos homens e às mulheres.

Silva (2008) afirma que esses papéis representam os comportamentos aprendidos numa determinada sociedade, que fazem com que os seus membros percebam certas atividades como pertencentes a homens ou a mulheres, de forma excludente e valorizando-os de forma diferente. Portanto, para que nas aulas de Educação Física as práticas corporais sejam realizadas por todxs, sem divisão por gênero, é necessário discutir gênero nas aulas, pois com a pauta de equidade de direitos e não determinação de papéis sociais pré-estabelecidos biologicamente, é possível um ambiente mais justo e favorável ao respeito.

No entanto, para xs professorxs de Educação Física abordarem gênero em suas aulas é preciso ter o conhecimento específico da temática. Esse conhecimento é adquirido na formação inicial ou na formação continuada de professorxs. Mas, estudos apontam que há uma lacuna no que diz respeito a abordagem de gênero na formação inicial de professorxs de Educação Física. Um exemplo dessa lacuna foi apresentado por Adass (2018), em que destaca que xs docentes que ministram aulas no curso de Educação Física com habilitação em licenciatura da Universidade Estadual de Londrina, não abordam conteúdos sobre relações de gênero, assim como não tematizam esportes e gênero ao longo da formação dos futuros professorxs de Educação Física. Isto ocorre principalmente por falta de conhecimento sobre a temática.

Portanto, nas aulas de Educação Física ainda é difícil que a temática gênero seja ensinada ou abordada de alguma maneira devido à falta de conhecimento dos professores e professoras.

Diante de tudo que expusemos anteriormente elegemos como problema central e como motivação para a realização deste trabalho a seguinte questão: como ensinar o conteúdo gênero atrelado ao ensino dos esportes nas aulas de educação física? Como objetivo geral propomos debater o ensino do conteúdo “gênero no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física e criar propostas de aulas. Para tanto, temos como objetivos específicos do trabalho: conceituar gênero relacionado à Educação Física na escola; apresentar alguns temas do

esporte sistematizados conforme a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC); e elencar propostas de aulas para o ensino do conteúdo gênero e esporte no ensino fundamental.

Considerando o espaço conquistado pelas produções em Educação Física que se articulam aos estudos de gênero e sexualidade, buscamos com este trabalho, contribuir com os interesses profissionais, políticos e teóricos dos leitorxs. Principalmente professorxs de Educação Física, na viabilização dos conhecimentos aqui apresentados como um meio de utilização em suas aulas, algo que norteie sua intervenção, contemplando gênero em suas aulas. Portanto, entendemos como pertinente apontar algumas propostas de ensino sobre gênero na Educação Física, a fim de esclarecer e nortear as ações dxs professorxs de Educação Física.

Os métodos adotados neste estudo foi a pesquisa bibliográfica e documental, sistematizado e com o embasamento teórico pautado em materiais publicados, como: livros, periódicos, artigos, revistas e documentos, dentre os quais a BNCC. A coleta de dados foi qualitativa, pois analisamos fontes nas quais subsidiarão as discussões norteadas pelo problema da pesquisa. Os procedimentos empregados compreenderam: levantamentos das fontes, e pesquisa bibliográfica. Adotamos a análise qualitativa dos dados, pois analisamos fontes nas quais subsidiaram o problema suscitado na pesquisa. A coleta de dados qualitativos é de natureza exploratória.

Este trabalho pretende contribuir com a intervenção de professorxs de Educação Física que atuam no ensino fundamental anos iniciais, no que diz respeito a abordagem do tema gênero em suas aulas dividido em três capítulos. O primeiro diz respeito ao conceito de gênero e sua relação com a Educação Física escolar. No segundo capítulo apresentamos a sistematização do conteúdo gênero relacionados ao conteúdo esporte no Ensino Fundamental como este é classificado na BNCC; e, no terceiro capítulo apresentamos os procedimentos uma análise a partir dos objetivos da pesquisa, contando com os resultados obtidos e as discussões destacadas a partir dos estudos e das propostas das aulas apresentadas.

2. GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Os estudos de gênero e todos os temas que a esse conceito estão relacionados são muito importantes para o conhecimento e a conscientização para o enfrentamento das discriminações e as violências sofridas pelas minorias sociais e para a luta pela equidade social e igualdade de direitos para todos e todas em consideração ao respeito às diferenças.

Considerando que as relações de gênero estão presentes desde antes do nascimento, ou seja, antes dos bebês nascerem eles/elas já são incluídos em prerrogativas de gênero conforme a sociedade em que vivem assim que o “sexo” é sabido ao longo da gestação. Connell (1987), afirma que as crianças pequenas têm a identidade de gênero imposta muito antes de serem capazes de compreender o sexo e de assumir uma identidade de gênero. Ou seja, desde a descoberta do sexo biológico da criança, as representações de homens e mulheres são decorrentes de rótulos que a sociedade constrói com o decorrer do processo histórico cultural, sendo designados papéis sociais que cada um deve conter em uma sociedade, tendo que se engajar em uma função social dependendo do seu gênero.

Neste sentido a discussão de gênero não se restringe apenas ao âmbito de educação formal pois, mesmo na escola em momentos divergentes das aulas, como, por exemplo, nos intervalos, nas atividades extraclases, nas rodas de bate papo entre amigxs, nas festividades, na organização da sala de aula, nos espaços ocupados pelos meninos e meninas, nas atividades realizadas no momento de lazer, enfim, em todos os momentos as relações de gênero estão presentes e se manifestam de diferentes maneiras em nossas vidas e influenciam substancialmente em nossa formação social, política e cultural.

Para que o conteúdo gênero possa ser conhecido e devidamente ensinado é necessário esclarecermos que este conceito se apresenta de diferentes formas dependendo da concepção teórico-metodológica que permeia o seu entendimento e do contexto social no qual ele está sendo discutido. Entretanto, qualquer que seja a orientação conceitual de gênero, todos os estudos estão preocupados com a conscientização das sociedades e de todos os grupos sociais sobre a necessidade da equidade de gênero e da igualdade de direitos referentes as minorias sociais, passando necessariamente pela

consideração e respeito às diferenças culturais em prol de uma inclusão social e diminuição das violências e qualquer forma de discriminação. Para discutirmos, aprendermos e ensinarmos gênero se faz necessário relacioná-lo aos conceitos e discussões sobre sexo, sexualidade e corpo.

Ao falarmos de sexo estamos nos relacionando aos aspectos biológicos e reprodutores dos seres humanos, sendo macho, fêmea e intersexual.¹ Estes aspectos não deveriam determinar quais os papéis sociais que os gêneros irão seguir, pois quando esta decisão é ‘automática’ de acordo ao sexo biológico ocorre o determinismo biológico. O determinismo biológico designa quais condutas homens e mulheres irão adotar, nas esferas públicas ou privadas, modelam atitudes, velam violências, oprimem sentimentos, dividem sexualmente o trabalho, ‘naturalizam’ comportamentos, nessas relações de poder a mulher é inferiorizada e submissa sendo justificado pelas diferenças sexuais como critério para essa inferioridade.

Giffin (1991), ressalta que isto não quer dizer que os fatos biológicos sejam irrelevantes ou que os homens e mulheres não sejam diferentes, mas sim que certos dados e diferenças somente adquirem significado de superior/inferior dentro da estrutura de sistemas de valores culturalmente definidos. Portanto, não negamos que existam diferenças de caráter biológico ou seja, sexual, cromossômico, genético, ou mesmo hormonal, mas, que essas diferenças não podem ser imediatamente transferidas para diferenças de status social, como foram durante tantos séculos (CONNELL 1995).

Em síntese, entendemos que as diferenças biológicas embora existam, as mesmas não devem ser critério de exclusão e justificativa para a subordinação da mulher. Assim, o conceito de gênero difere do de “sexo”, que se encontra restrito ao plano biológico; gênero está para além disso pois enfatiza a noção de cultura, situa-se na esfera social, abordando não sobre as diferenças sexuais (ARAÚJO, 2005).

A utilização da expressão gênero representa elementos fundamentais para construção desse conceito, sua identidade e representação. As primeiras a utilizarem essa nomenclatura foram as feministas ao longo do século XX. Scott

¹ Intersexual corresponde as Pessoaal que nascem com dualidade de aparelho reprodutivo e genitálias, haja vista que os indivíduos intersexuais têm rejeitado o termo hermafroditismo para evidenciar que a

(1995) destaca que gênero é uma maneira de referir-se 'à organização social das relações entre sexos'. Elas (feministas), discutiram sobre as relações de poder entre os sexos, este era determinante para a designação dos papéis sociais de homens e mulheres, marcando assim, a subordinação da mulher. Scott (1995) afirma que a dominação da mulher foi uma forma de manter o poder com as classes hegemônicas dominantes. Desta forma as feministas propõem uma nova forma de organização social, uma sociedade que homens e mulheres possuam os mesmos direitos.

Dessa forma não podemos classificar gênero a partir de uma definição, ele é um conceito que pode ser analisado por diversas esferas (políticas, sociais, culturais, filosóficas, ...), pois classificá-lo como definição limitamos binariamente a compreensão do mesmo, assim ignorando a complexidade pela qual se caracteriza. Complexidade esta que se dá pela busca da superação em encarar a sociedade a partir de uma perspectiva binária, propondo assim que seja considerado os determinantes sociais, e de que maneira a sociedade vem construindo historicamente o conceito de gênero.

Butler (2013) considera, assim como Joan Scott (1999), que o gênero é cultural, ativa e constantemente (re)construído. Scott (1999), completa que por meio da construção cultural em um processo histórico, no qual coloca ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado por ele e nem determina a sexualidade do indivíduo. Ou seja, gênero é as diferentes formas de ser homem ou mulher.

Saffioti (1992) afirma que a relação entre os gêneros vai além da existência de dois sexos, mas compreende a construção feita do social para o indivíduo, pois, dependendo dos valores de cada momento histórico, os indivíduos terão seus corpos e funções determinados de formas diferentes. Além de compartilharmos com o referencial sociocultural na construção a respeito de gênero, entendemos Arruda (2002), ao apresentar que gênero é uma categoria relacional, na qual, ao se levar em conta os gêneros em presença, também se consideram as relações de poder imbricados a ele. Neste sentido Scott (1994) afirma que gênero é uma das primeiras formas de dar significado a elas (relações de poder). Retomando a conceituação de gênero, e ao considerar a perspectiva existencialista, Simone de Beauvoir (1970), ao dizer a frase "não se nasce mulher, torna-se mulher" afirma que a questão de gênero é um processo social,

construído historicamente pela sociedade e que a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura.

A partir de todos os conceitos apresentados consideramos gênero em sua complexidade e destacamos que o conceito de gênero compreende à existência da opressão e a partir das relações de gênero, a sociedade produz formas não hegemônicas de pensar, agir e ser (LOURO, 1991).

A discussão ampliada de gênero proposta nesta pesquisa nos faz apresentar conceitos imbricados a ele, como a sexualidade e a identidade de gênero, devido ao fato de estarem relacionados embora não sejam sinônimos.

A identidade de gênero para Grossi (1998) é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino. Bonnici (2007), corrobora ao referir-se como à identificação de homens e mulheres com as marcas de masculinidade e/ou feminilidade. Não é uma construção essencialista ou fixa, são processos culturais, sociais e de identificação dos próprios sujeitos como tais, isto é, de como estes se veem (BONNICI, 2007). Portanto, a identidade de gênero se constrói culturalmente, e em nossa socialização a partir do momento da rotulação do bebê como menina ou menino. Isto se dá no momento de nascer ou mesmo antes, quando se atribui um nome à criança e esta passa a ser tratada imediatamente como menino ou menina, assim, a identidade de gênero é como o sujeito se identifica.

Como já dissemos anteriormente, para compreendermos os conceitos de gênero, ensinarmos e discutirmos gênero é preciso considerarmos sua relação com corpo e sexualidade. Esta última está relacionada a um universo relativo, pessoal, paradoxal e subjetivo pois trata-se do traço íntimo do ser, manifestando diferentemente em cada indivíduo. Está relacionada a afeto e desejo. Para Ribeiro (2006), a sexualidade corresponde ao modo como os indivíduos organizam e valorizam as questões relacionadas à satisfação do desejo e dos prazeres sexuais. Neste sentido, Michel Foucault (2005) posiciona a sexualidade como um dispositivo² de controle e normatização individual e populacional moderno. Para o autor

² O dispositivo está sempre inscrito num jogo de poder e ligado a uma configuração de saber que dele nasce. Na conceituação de Foucault (2012), trata-se de estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 1998, p.117).

Nesta perspectiva, a sexualidade é, na verdade, uma 'construção social', uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo: o sentido e o peso que lhe atribuímos são, entretanto, modelados em situações sociais concretas (WEEKS, 2001). Assim, a possibilidade considerada como 'normal' para manifestar a sexualidade é a heteronormativa.

Concordamos com França (2016), ao dizer que gênero e sexualidade são dimensões diferentes que integram a identidade pessoal de cada um, produzidas pelo efeito do poder e transformadas conforme os valores sociais vigentes em cada época. Sendo assim, o sexo não determina o gênero, tampouco o gênero não determina 'naturalmente' a sexualidade dos indivíduos.

Diante do que foi apresentado e esclarecido conceitualmente acerca de gênero, propomos a discussão na escola e em específico na Educação Física, afim de propiciar aos estudantes uma formação ampla e humana, desconstruindo os estigmas e estereótipos de gênero e sexualidade, possibilitando o entendimento dos direitos e equidades, de respeito às diversidades, podendo assim transformar a sociedade com vistas ao respeito pelo que é 'diferente'.

3. O ENSINO DO CONTEÚDO GÊNERO E ESPORTES NA SEGUNDA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) publicada no ano de 2017, é um documento de caráter normativo e orientador voltado para o ensino na educação básica à nível nacional. Considerando a influência da BNCC na educação nacional, nossas propostas e reflexões terão como base este documento no que diz respeito ao tema esporte e a problematização sobre a invisibilidade do conteúdo gênero na BNCC.

No decorrer da pesquisa explicamos a importância da discussão de gênero nas escolas, entretanto a BNCC para o ensino da Educação Física – assim como para o ensino das demais áreas de conhecimento em sua versão final no ano de 2017, retira o termo/conteúdo gênero que havia sido considerado nas duas primeiras versões do documento. Este fato é resultado de algumas disputas políticas e ideológicas, haja vista que o termo gênero e, conseqüentemente ensinar o conteúdo gênero, precisamos tratar de conteúdos como: diversidade cultural, inclusão e exclusão social, preconceito, discriminação, minorias (comunidade LGBTQIA+, raça, etnia, diferenças e lutas de classes, diversidade geracional, entre outras marcações sociais) e movimentos sociais.

Para alguns, principalmente em uma sociedade com um governo conservador e com orientação política-religiosa utilitarista e moralista, significa uma contraposição ideológica e, obviamente também política, de transgressão às normas, crenças e valores produzidos culturalmente e que devem ser evitados diante de uma defesa ao poder hegemônico e status quo. Simplificando, trata-se de temas que devem ser afastados do currículo escolar, com o argumento de que a escola, ao tematizar/ensinar gênero, diversidade e inclusão acaba por abrir possibilidades de ‘desviar’ crianças e adolescentes da normatização referentes as relações de gênero, sexualidade e também ‘abrir portas’ para a formação de uma politização de ‘esquerda’/‘comunista’ e contrária a regularização social almejada por uma linha de política governamental de conservadora e alheia às lutas sociais; inclusive chegando ao justificativa de que, ao tratar de temas/conteúdos gênero poderia incentivar a prática sexual precoce, a homossexualidade, transgenia, entre outras coisas....

Um dos motivos de ocorrer o que foi citado anteriormente é pela falta de conhecimento científico sobre a temática, e ao recorrer ao senso comum correm o risco de terem interpretação deturpada sobre gênero, como é o caso da presença do termo “ideologia de gênero” que, segundo Almeida (2017) tem origem em um movimento organizado que promove campanhas para retirada dos conteúdos de gênero da educação básica e tem sua base política entre os religiosos cristãos.

O termo ideologia no início da terceira década do século XXI, foi associado de forma pejorativa a ideia de doutrinação, isto foi parte do discurso conservador e reacionário do governo federal brasileiro comandado pelo presidente Bolsonaro e apoiado por bancadas religiosas e frentes partidárias que adotaram esses discursos segregatórios, dotados de preconceitos e discriminação. As motivações destes grupos foram extinguir e criminalizar com explicações falaciosas a respeito principalmente as questões das diversidades, afim de manter as relações de poder dentro da ordem heteronormativa da sociedade.

O foco das discussões que permeiam a “ideologia de gênero”, está centrado na orientação sexual e de gênero, pois há a crença de que o debate sobre gênero e sexualidade nas escolas tem o intuito doutrinar os estudantes, colocando o professor como um doutrinador que irá ditar o que os estudantes devem ser, ou com quem se relacionar. Outro ponto levantado de quem não apoia a “ideologia de gênero”, refere-se à manutenção de uma cultura machista, pois apoiam que os papéis sociais são dados como naturais e ao propor essa discussão na escola, irá extinguir o homem e a mulher.

Para Barreiro et al (2018), o que está em jogo nesta perspectiva, é a manutenção de um modelo hegemônico de sociedade construído a partir de noções da heterossexualidade compulsória e de valores morais cristãos, nos quais o padrão de família, constituída exclusivamente por um homem, uma mulher e sua prole, está em pauta.

Apesar deste movimento ter refletido na educação, por exemplo com a “Escola sem Partido”, não há em nenhum documento registros de que será ensinado “ideologia de gênero”, principalmente com os pressupostos elencados sobre a “ideologia de gênero”. Neste sentido, Reis e Eggert (2017), afirmam que nenhum dos Documentos Finais das Conferências de Educação de 2008, 2010 e 2014, nem a versão inicial do Plano Nacional de Educação, fazem menção do

termo “ideologia de gênero”, e sim têm por objetivo garantir o alcance da equidade entre os gêneros e o respeito à diversidade sexual. Portanto, a “ideologia de gênero” é uma falácia, o que os estudos de gênero e diversidade propõe é o respeito as diferenças seja ela de cunho racial, sexual, étnico, etc; e a equidade de direitos aos gêneros (identidades e orientações sexuais).

Por esses motivos os termos gênero e orientações sexuais estão ausentes na BNCC, o mais próximo que aparece são palavras como “diferenças e diversidades”, justificando que se concentra em construção de valores relacionados ao respeito às diferenças e no combate aos preconceitos de qualquer natureza. Todavia, não se explicita de quais valores estão propondo, mas “fazê-lo só em determinadas etapas do componente, assegurar a superação de estereótipos e preconceitos expressos nas práticas corporais (BRASIL, 2018, p.221). Por meio destes trechos generalizados, ou seja, apenas expostos e não explorados e explicados, a versão final da BNCC tematiza as diversidades, em contra partida as outras duas versões que explicitavam os termos gênero e orientação sexual.

Frente ao que foi exposto, iremos propor possibilidades do ensino de gênero, de acordo com conteúdos da unidade temática esportes da BNCC referente à Educação Física na segunda etapa do Ensino Fundamental I.

A segunda etapa do Fundamental I foi eleita devido a especificidade dxs educandxs, pois no período da pré-adolescência as relações sociais em grupos são as formas pelas quais eles se expressam, interagem e materializam os valores construídos socialmente; formando-se suas identidades. Sobre a construção de identidades, Gomes (2003) aponta que deve-se considerar a importância de suas articulações com a cultura e a com a educação. Uma articulação que se dá nos processos educativos escolares e não-escolares. Ou seja, a escola por meio dos seus saberes específicos e socioculturais atrelados com os valores construídos socialmente influenciam na formação da identidade dos indivíduos.

As identidades não são neutras, pois expressam nosso modo de ver e de nos posicionar em uma sociedade. Nessa direção, Bauman (2005) argumenta que as identidades não são imutáveis e nem garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age, são fatores cruciais para

a identidade (BAUMAN, 2005, p.17). Jacques (1999), corrobora apresentando que as identidades é o processo de definição e de autodefinição que o sujeito estabelece com sua cultura; alertando sobre o cuidado do emprego do termo identidade, pois essa abordagem implica em processos relacionados com a complexidade.

Assim, a etapa da pré-adolescência foi a escolhida, pois acreditamos que ao propiciarmos um ambiente escolar que priorize o respeito as diferenças, ao outro, a dignidade humana, estamos contribuindo para a formação identitária de sujeitos que compreendem a diversidade com um fator da humanidade e não como critério de exclusão. Outra justificativa é sobre experiências do estágio obrigatório da graduação em Educação Física Licenciatura, no qual foram reforçados pelxs estudantes papeis sociais estabelecidos com base nos gêneros, no qual pré-adolescentes se dividiam em filas de meninos e meninas; e compreendiam que as práticas corporais deveriam ser diferentes de acordo com o gênero, reforçando as marcações sociais pelas diferenças de gêneros. Unidade temática que iremos propor o ensino do conteúdo gênero é o esporte, dado a está prática corporal ser a que abrange a maioria dos conteúdos propostos na Educação Física para o Fundamental I na BNCC (2017) e, também a sua generificação culturalmente construída.

A Educação Física é uma das áreas de saber presente na escola e tem como objetivo o ensino das práticas corporais. Cabe ressaltar que, dependendo da maneira que os temas gênero, corpo e sexualidade são abordados, estas práticas são potenciais geradoras de desigualdades de gênero, descon sideração das diferenças e da educação para o respeito à diversidade. Neste sentido, entendemos que “os corpos carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (BUTLER p.163, 2003). Os discursos generificam os corpos, ou seja, “os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura, e essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa movimentação” (GOELLNER, 2010, p. 25). Portanto, cabe à Educação Física desconstruir os estereótipos de gênero e as violências produzidas nas práticas corporais desenvolvidas na escola.

Entre as práticas corporais generificadas estão aquelas que se encontram no tema/unidade temática. Os esportes, cultural e historicamente têm

alta adesão e reconhecimento na sociedade de maneira geral e em particular na escola enquanto tema de ensino nas aulas de Educação Física, sendo palco nos últimos tempos de discussões acerca de seus padrões de gênero e sexualidade, produzindo práticas que marcam corpos e comportamentos a partir do que cada cultura define como masculino e/ou feminino (GOELLNER, 2006). Jaeger e Goellner (p.966, 2011) ao afirmarem que: “identificamos o esporte como um espaço propício para tencionar as representações de gênero, pois nele produzem-se corpos e subjetividades que desestabilizam as determinações biológicas”, sintetizam a importância de propor discussões sobre gênero no âmbito do esporte, devido ao caráter pré estabelecido dos papéis sociais por meios dos esportes.

O esporte é um conteúdo ensinado na escola, e assim como a educação, tem sua vertente tradicional, no qual enfatiza os valores e a organização capitalista, valorizando o ‘fazer’, valendo-se de uma teoria tecnicista, no qual o todo é ensinado separadamente, sendo as partes descontextualizada do todo, priorizando a automatização do movimento. Entretanto, a Teoria Crítica surge como um modelo que contrapõe a Teoria Tradicional, pois ela aborda o sujeito em sua historicidade, sendo produtores de sua história, permeada pela cultura.

Eleonor Kunz traz reflexões para que a Educação Física atue como esclarecedora dos interesses ocultos, isto é, por meio da indústria esportiva é ‘dado’ ao sujeito uma falsa consciência, que constitui seus interesses, necessidade, assim ficando manipulável a suas ações. Kunz (1994), apresenta que a emancipação se dará quando o indivíduo for capaz de agir de forma autônoma, independente, fruto de seu esclarecimento.

Neste sentido, a proposta de Kunz (1994), é atuar em uma abordagem crítico emancipatória, haja vista que está um dos desdobramentos da tendência crítica, que valoriza a compreensão crítica do mundo, da sociedade e de suas relações, sem a pretensão de transformar esses elementos por meio escolar.

Através de uma perspectiva fundamentada na teoria social crítica, a Educação Física busca provocar nos alunos maior autonomia, oportunizando aos mesmos, que eles sejam os protagonistas da sua própria cultura de movimento.

Portanto, apresentar novas propostas na escola tendo como cenário o esporte e o gênero, é caminhar em direção a novas formas de pensar a

Educação Física, sendo esse ‘olhar’ mais humanitário e contemplando as diferenças como conteúdos de discussão.

3.1 SUGESTÕES PARA O ENSINO DE ESPORTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA RELACIONADAS A TEMÁTICA GÊNERO E DIVERSIDADE A PARTIR DA CLASSIFICAÇÃO DA BNCC

A BNCC apresenta o esporte na segunda etapa do Ensino Fundamental I dividido em 3 objetos de conhecimentos: esportes de campo e taco; esportes de rede/parede e esportes de invasão. As habilidades fazem parte da sistematização do documento, nela são descritas as dimensões de conhecimentos a serem ensinados aos objetos de conhecimentos.

Unidade Temática	Objetos de conhecimentos	Habilidades
Esporte	Esportes de campo e taco	(EF35EF05) Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e taco, rede/parede e invasão, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo. (EF35EF06) Diferenciar os conceitos de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional e comunitária/lazer).
	Esportes de rede/parede	
	Esportes de invasão	

Fonte: BNCC (2017)

Seguindo a sistematização proposta na BNCC em relação a unidade temática (U.T), aos objetivos e as habilidades, iremos acrescentar nas habilidades as possibilidades do ensino do conteúdo gênero atrelado ao esporte.

Unidade Temática	Objetos de conhecimentos	Habilidades	Exemplos
Esportes	Esportes de campo e taco	1) Formular perguntas, debates e intervir sobre a relação entre a prática do esporte entre os diferentes gêneros. 2) Selecionar movimentos corporais de modo a mapear quais estereótipos de gênero existentes nas práticas corporais e estabelecer relações construtivas com base na produção de novas representações de práticas corporais não generificadas.	1) Por meio de perguntas problematizadoras elencar se meninos e meninas realizam os mesmos esportes com a mesma frequência e tencionar o porquê disto, permeando as questões de gênero e desmitificar a ideia de “esportes de meninos” e “esportes de meninas”. 2) Propor algumas práticas corporais como correr, saltar, andar; e solicitar a realização das mesmas de duas formas, a primeira para realizarem como meninas e depois para realizarem como meninos. Após esta dinâmica
	Esportes de rede/parede		
	Esportes de invasão		

		<p>3) Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e taco rede/parede e invasão identificando seus elementos comuns;</p> <p>contextualizando a inserção das mulheres nos esportes (3) e criando estratégias individuais e coletivas básicas com turmas equipes mistas e problematizando esta decisão, (4) para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.</p> <p>(EF35EF06)</p> <p>Diferenciar os conceitos de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional;</p> <p>realizando a</p>	<p>problematizar o porquê foram realizadas de formas estereotipadas diferentes, explicando que as diferenças entre meninos e meninas não estão relacionadas com a performance do movimento.</p> <p>3) Contextualizar a inserção das mulheres nos esportes por meio de materiais explicativos, como vídeos, mostrando como era antes dos anos 60 e depois, época na qual elas foram inseridas.</p> <p>Perguntas problematizadoras como: cite 3 nomes de mulheres que jogam futebol; relacionando com a diferença no cenário masculino, fazendo-os compreender que</p>
--	--	---	---

		<p>comparação no esporte de alto rendimento entre o masculino e feminino (5); e comunitária/lazer).</p>	<p>a performance não depende do gênero, mas da prática do esporte.</p> <p>4) As turmas mistas fazem parte do gênero não ser critério de exclusão, apesar de níveis de habilidades diferentes será necessário a intervenção no qual explicará que o esporte na escola não é sobre ‘quem é melhor’, e sim sobre a prática dele e seu aperfeiçoamento e também que a prática é para todxs.</p> <p>5) Por meio de explicações apresentar a quantidade de esportes de alto rendimento masculino e feminino é exibido</p>
--	--	--	--

			<p>pela mídia; apresentar salários de atletas masculinos e femininos da mesma modalidade e tensionar discussões que isso ocorre por desigualdades de gênero.</p>
--	--	--	---

Fonte: BRASIL (2018; grifos nosso)

3.2 MODELOS DE PLANOS DE AULA SOBRE O ENSINO DE GÊNERO COM A UNIDADE TEMÁTICA ESPORTE

O processo de ensino aprendizagem é o esperado pelo docente quando ministra uma aula de Educação Física, este processo resulta de alguns elementos essenciais para que ocorra, e um deles é o planejamento da aula. Segundo Tormena e Figueiredo (2010), discutem o planejamento no contexto escolar considerando-o como organizador metodológico de conteúdo que se baseia nas necessidades e no conhecimento de mundo dos alunos visando o crescimento das pessoas na sociedade.

Já Oliveira (2011) traz o plano de aula como um instrumento didático-pedagógico necessário à execução da atividade docente no cotidiano escolar, ressaltando sobre a importância da organização da atividade profissional do professor, relacionando com a construção dos saberes no âmbito escola. Portanto, o planejamento de aula é um elemento importante porque é o momento no qual o professor seleciona quais os conhecimentos que serão ensinados, com base no currículo, nos saberes contemplados naquela aula, considerando os conhecimentos dos estudantes e pensando em sua formação integral. Ou seja, tudo o que ocorre nas aulas de Educação Física é a materialização da intencionalidade de ensino e dos saberes selecionados a serem ensinados no momento de planejamento.

Assim destacamos três modelos de planos de aula, nos quais tematizam o ensino de gênero e os esportes postos na BNCC para a etapa final do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Os objetos de conhecimentos (O. C.) são esportes de campo e taco; esportes de rede/parede e esportes de invasão.

PLANO DE AULA 1

U. T.	O. C.	Objetivo	Habilidades	Estratégias	Avaliação	Materiais
Esporte	Esportes de campo e taco	Conhecer as características dos esportes de campo e taco e experimentar as práticas corporais referentes à prática dos esportes entre os diferentes gêneros.	1) Formular perguntas, debates e intervir sobre a relação entre a prática do esporte entre os diferentes gêneros. EF35EF05) Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e taco identificando seus elementos.	Apresentar os esportes de campo e taco por meio de vídeos (como um vídeo do golfe, críquete, beisebol...) e propor que os estudantes anotem quais as semelhanças dos esportes apresentados e qual deles é jogado por homem e qual deles é jogado por mulher. - A partir	Avaliar oralmente, por meio de perguntas, se os estudantes verbalizam as características dos esportes de campo e taco. -Avaliar por observação e oralmente e reconhecer as práticas esportivas pertencente aos diferentes gêneros. -Avaliar se realizam a	Giz, bola de tênis, garrafa pet e taco.

				<p>das respostas dxs educandxs sobre a primeira pergunta; acrescentar as características dos esportes de campo. Em relação a segunda pergunta, problematizar as possíveis respostas. Uma das possibilidades é responderem que determinados esportes são para homens e outros para mulheres, neste sentido explicar que o esporte, principalme</p>	<p>prática corporal rebater, pertence aos esportes de campo e taco.</p>	
--	--	--	--	---	---	--

				<p>nte na escola, não se difere por gênero, que todas as pessoas são capazes de realizar os mesmos movimentos (apresentar vídeos de mulheres no críquete, baisebol, ...; na hora da realização das atividades evidenciar que as meninas estão realizando o mesmo movimento, desta forma os esportes são para todxs). Caso as respostas dxs alunxs forem de que todos</p>		
--	--	--	--	--	--	--

				<p>podem realizar todos os esportes, apresentar vídeos que evidenciam essa perspectiva; reforçar que o esporte é para todos os gêneros e nas atividades trazer essa discussão à tona quando os meninos e meninas realizarem os mesmos movimentos</p> <p>- Após entendido que a principal característica destes esportes são a rebatida, propor que se dividam em duas</p>		
--	--	--	--	---	--	--

				<p>equipes mistas, após entenderem que todos devem realizar os mesmos movimentos , para realizem a primeira atividade.</p> <p>- Atividade 1: Rebatida com a bola parada. Risque uma linha reta no chão para cada equipe, após, coloque uma garrafa pet no final desta reta e coloque a bola na outra extremidade da reta. Com o taco irão fazer uma rebatida</p>		
--	--	--	--	--	--	--

				<p>com o objetivo de acertar a garrafa. Um alunx de cada vez. Realizando uma fila atrás do primeiro, rebateu vai para o final da fila.</p> <p>- Atividade 2: Rebatida com a bola em movimento. Utilize os mesmos grupos e as linhas marcadas no chão, nesta atividade um dxs estudantes se posicionar na extremidad e da reta onde está a garrafa e lançar a</p>		
--	--	--	--	--	--	--

				bola sobre a linha para que o outro tente rebatê-la.		
--	--	--	--	--	--	--

Fonte: BRASIL (2018 e autora)

PLANO DE AULA 2

U. T.	O. C.	Objetivo	Habilidades	Estratégias	Avaliação	Materiais
Esporte	Esportes de rede parede	Retomar as características dos esportes de rede/paredede e realizar o mini voleibol apresentando e debatendo as diferenças de gênero como critério de	1) Formular perguntas, debates e intervir sobre a relação entre a prática do esporte entre os diferentes gêneros. EF35EF05) Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e rede/paredede e invasão	-Retomar por meio de perguntas as características dos esportes de rede, retomar as características do voleibol e suas regras. - Apresentar um vídeo com o vôlei feminino e outro com o vôlei masculino, apresentar as	-Avaliar oralmente, por meio de perguntas, se os estudantes verbalizam as características dos esportes de rede e as características do minivoleibol. -Avaliar oralmente por meio das problematizações e	Vídeos, cordas e bolas.

		<p>exclusão no voleibol de alto rendimento.</p>	<p>identificando seus elementos comuns;</p> <p>contextualizando a inserção das mulheres nos esportes (3) e criando estratégias individuais e coletivas básicas com turmas equipes mistas e problematizando esta decisão,(4) para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.</p> <p>Realizar a comparação</p>	<p>competições mundiais no vôlei profissional. Escrever na lousa que na Liga Mundial obtiveram duas premiações uma no valor de 1 milhão de euros e outra de 200 mil euros, perguntar qual foi o valor que a seleção feminina recebeu e a masculina e o porquê acham isso. Ao respondere m que as meninas receberam menos e os meninos mais; e no motivo</p>	<p>verbalizações, se compreendiam o esporte no alto rendimento como prática excludente e reconhece m a necessidade de mudança.</p> <p>-Avaliar se realizam a prática corporal pertencente ao minivoleibol .</p>	
--	--	---	---	---	---	--

			<p>o no esporte de alto rendimento entre o masculino e feminino (5);</p>	<p>aparecer porque os meninos jogam melhor, relembrar o vídeo das meninas da seleção e sustentar a ideia que no alto rendimento a qualidade das jogadas e movimentos são de performances aperfeiçoadas.</p> <p>Explicar que o motivo pelo qual as meninas receberam menos está relacionado com a quantidade de patrocínio, pois os patrocinadores ganham</p>	
--	--	--	---	--	--

				<p>mais com as competições masculinas do que com as femininas, isto ocorre por no esporte e na sociedade os homens são mais valorizados e propor que em nossas aulas e em nossas atitudes isso seja diferente, tanto meninas e meninos que realizem as mesmas funções serem remunerados iguais.</p> <p>- Em quadra dividir em equipes</p>	
--	--	--	--	---	--

				<p>mistas e com várias redes montadas ao mesmo tempo, relembrar os principais movimentos técnicos do minivoleibol (saque, manchete, toque) e iniciar as partidas.</p>		
--	--	--	--	---	--	--

Fonte: BRASIL (2018) e autora.

PLANO DE AULA 3

U. T.	O. C.	Objetivo	Habilidades	Estratégias	Avaliação	Materiais
Esporte	Esportes de invasão	Compreender por meio do esporte de invasão futsal e suas práticas corporais uma nova	1) Formular perguntas, debates e intervir sobre a relação entre a prática do esporte entre os diferentes gêneros.	-Retomar oralmente as características dos esportes de invasão; as características e regras do futsal. - Em quadra apresentar	Avaliar oralmente se compreenderam as características dos esportes de invasão e do futsal. Avaliar por meio da	Bolas, rede e traves

		<p>representação de práticas corporais não genericizadas.</p>	<p>2)Selecionar movimentos corporais de modo a mapear quais estereótipos de gênero existentes nas práticas corporais e estabelecer relações construtivas com base na produção de novas representações de práticas corporais não genericizadas.</p> <p>EF35EF05)</p> <p>Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e taco rede/parede e invasão identificando seus elementos comuns;</p> <p>contextualizando a inserção das</p>	<p>alguns movimentos básicos e também presentes na realização do futsal, como o correr, saltar, andar, girar e chutar. Propor que realizem esses movimentos no todo da quadra ‘como meninos’, após isto propor que realizem os mesmos movimentos agora ‘como meninas’.</p> <p>Se realizarem de maneiras diferentes, apresentar um vídeo das jogadoras</p>	<p>realização das práticas corporais se compreenderam sobre as práticas corporais genericizadas e a importância da sua não realização</p>	
--	--	---	--	---	---	--

			<p>mulheres nos esportes (3) e criando estratégias individuais e coletivas básicas com turmas equipes mistas e problematizando esta decisão,(4) para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo</p>	<p>de futsal, perguntar se foi daquela forma que elas realizaram os movimentos explicando que as meninas não são sinônimos de algo ruim, como a expressão 'chutar como menina', e que as práticas corporais são realizadas da mesma maneira como o jogo de futsal também, não sendo necessário a divisão entre meninos e meninas,</p>	
--	--	--	---	---	--

				<p>todos são capazes de realizar.</p> <p>Propor que realizem os mesmos movimentos novamente 'como meninas' e 'como meninos', neste momento deverá ter a compreensão de que são os mesmos movimentos sem gestos generalizados.</p> <p>Se quando pedirmos para realizarem 'como meninos' e 'como meninas' realizarem da mesma forma evidenciar que as</p>		
--	--	--	--	---	--	--

				práticas não se diferem de acordo com o gênero. Após isto realizaremos um jogo de fustal misto, com os fundamentos que aprendemos nas aulas anteriores.		
--	--	--	--	---	--	--

Fonte: BRASIL (2018) e autora.

Estes modelos de planos de aulas são formas de materializar o que pode ser ensinado ao se tratar de gênero e esporte; fazendo alusão ao início do tópico, ressaltamos que é no planejamento que pensamos qual sujeitos que queremos formar, pois isso se efetivará nas aulas, nos conteúdos abordados, nas intervenções docentes. Assim, elencamos gênero pelo fato de considerarmos um conteúdo pertinente a formação humana.

3.3 ANÁLISES SOBRE A PROPOSTA DO ENSINO DO CONTEÚDO GÊNERO NA UNIDADE TEMÁTICA ESPORTE

A discussão de gênero nas aulas de Educação Física, apesar de não estarem legitimadas explicitamente pelo documento norteador da Educação Básica Nacional, não deve ser o motivo pelo qual esse conteúdo não seja elencado nas aulas. Apresentamos algumas possibilidades nas aulas de Educação Física com o esporte, mas pode e deve ser inserido nas habilidades das unidades temáticas da área.

Atentamos ao fato de que para ensinar permeando este conhecimento (gênero) é primordial o estudo sobre a temática, para que não seja feitas análises que reforcem os estereótipos ou entendimentos equivocados. Temos como a base dessas propostas o respeito as diferenças e a sua legitimação na educação.

No decorrer de nossa pesquisa utilizamos a temática gênero entendida como um conteúdo pertinente a ser pautado nas aulas de Educação Física, em específico o esporte. Estas preposições estão ligadas ao desenvolvimento, à compreensão e à análise crítica do movimento dialogando com a multiplicidade identitária da sociedade brasileira e propiciando a construção de uma corporeidade que se expressa pela e na cultura. (NEIRA, 2020)

A perspectiva que contempla nossas propostas é o multiculturalismo crítico, entretanto neste estudo tomamos como uma das fontes de análise a BNCC, na qual tematiza na Educação Física as práticas corporais, sendo entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. (BRASIL, 2018.p.213). O documento completa dizendo que

o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. (...), as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (BRASIL, 2018, p..213)

Assim, corroboramos com Nogueira (2005), ao entendemos que as práticas corporais compreendem a Educação Física como uma produção cultural, que fazem parte de um contexto social que envolve aspectos políticos, econômicos, culturais, históricos, etc. cultura corporal, tematizada pelo multiculturalismo crítico, representa um enfoque para além de incluir o estudo das práticas corporais pertencentes a grupos distintos, Segundo Neira &

Gramorelli (2017)

[...] essa perspectiva promove uma reflexão sobre como essas diferenças foram socialmente produzidas e estabelecidas. O multiculturalismo crítico problematiza e questiona a cultura corporal em circulação quando prioriza atividades que investigam os mecanismos que a regulam (NEIRA & GRAMORELLI, 2017, p. 10)

Portanto, ao entendermos diversidade como parte dos conteúdos, significa que compreendemos a função política social da escola e em específico da Educação Física como uma forma de reduzir os preconceitos e promover ações de caráter incluídas dentro de uma sociedade. Ao apresentarmos modelos de planos de aula, apresentamos que há a possibilidade de ensinar gênero nas aulas de Educação Física, neste caso com o esporte. Para tanto a premissa de que não 'ensino porque não está no documento oficial' é justificativa para silenciar formas de preconceito e não conhecimento da temática.

A partir do que apresentamos, enfatizamos que é preciso discutir gênero na escola mas, para falar sobre gênero na escola é necessário estudar e conhecer esta área, para isso a formação inicial em professores de Educação Física deve contemplar essa temática nos currículos, inclusive nos nacionais como a BNCC, e também a formação continuada, pois ao pautar essa temática é uma proposta ampla de respeito as diferenças, revendo a função política e social da escola e da Educação Física.

Considerações finais

O gênero, na educação, é uma das inúmeras maneiras de lutar para a mudança no quadro de violência, preconceitos e estigmatização. Os estudos de gênero têm entre os principais objetivos destacar a diversidade das pessoas. Busca-se “desnaturalizar” as diferenças de gênero, indicando para o modo como elas são culturalmente construídas e enfatizando o fato de que fazem parte dos interesses e processos sociais de dominação e exclusão, isto é, dos mecanismos presentes nas relações de poder que permeiam o conjunto das relações sociais.

Respondendo ao problema do estudo, apresentamos propostas do ensino de gênero no esporte na etapa final do Ensino Fundamental Anos Iniciais, utilizando a BNCC de referência para nossa sistematização.

Ressaltamos que gênero é uma categoria analítica que não se limita ao entendimento binário de sexo, sendo parte fundamental da construção da identidade pessoal. Essa construção pode ou não ser correspondente ao sexo do nascimento, mas, ela é baseada em influências histórico-culturais, nos papéis sociais estabelecidos e na maneira em que o sujeito se define perante a sociedade.

Portanto, o gênero é um processo mutável e não limitado. Desse modo, entendemos que o gênero é uma construção social que permeia toda cultura, inclusive a Educação Física.

As construções teóricas metodológicas apresentadas na pesquisa contribuiu para certificar que é preciso discutir gênero na escola, não usando como ‘desculpa’ a falta de respaldo curricular nacional. Assim mesmo que não previsto, nomeado legalmente nos documento, é possível e necessário tematizar gênero nas aulas de Educação Física, conforme apresentado as possibilidades no decorrer da pesquisa. Além disso, as proibições relacionadas ao gênero foram julgadas como inconstitucionais.

Por fim, vimos que discutir gênero nas aulas de Educação Física não é negar as diferenças biológicas – mas problematizar que esse fator biológico não deve ser critério para educação diferentes entre os gêneros, mas de que qualquer ser humano é capaz de realizar qualquer função, reforçando o que o objetivo do trabalho apresenta, que é o debate do ensino do conteúdo “gênero no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física, portanto o conhecimento

sobre gênero possibilita que possamos pensar nas diferenças sem que elas se transformem em desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 2004

ALMEIDA, R. de. **A onda quebrada** - evangélicos e conservadorismo. Dossiê Conservadorismo, Direitos, Moralidades e Violência. Cadernos Pagu. Campinas, 50, 2017.

AGUIAR, N. **A mulher na força de trabalho na América Latina**. Rio de Janeiro: Vozes. 2015.

ANDRADE, F. L. **Determinismo biológico e questões de gênero no contexto do Ensino de Biologia**: representações e práticas de docentes do Ensino Médio. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) -Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ARAÚJO, K. de T. **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES**: intersecções entre gênero, corpo e sexualidade. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Geiva Carolina Calsa.Maringá, 2015

BARREIRO, A. et al. Ideologia de gênero? Notas para um debate de políticas e violências institucionais. **Temáticas**, n. 47/48, 2018.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p 17

BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018(3ª versão).

Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base. – Brasília, DF: Inep, 2015. 404 p.: il. ISBN 978-85-7863-046-1

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003

CONNELL, R. W. **Sexo e Poder**. Cambridge: Polity Press, 1987

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CREMONESE, D. **Ética e moral na Contemporaneidade**. Campos Neutrais-Revista Latino-Americana de Relações Internacionais, 1, n. 1, 2019.

CONNELL, R. W. **Sexo e Poder**. Cambridge: Polity Press, 1987

FERREIRA, N. S. C. Adolfo Sánchez Vázquez: **algumas notas sobre sua vida e valiosa obra**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, 10, n. 3, 2018.

FOUCAULT, M. História da sexualidade 1: a vontade de saber. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

GIFFIN, K. M. "**Nosso corpo nos pertence**: a dialética do biológico e do social." Cadernos de saúde pública 7, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, S. V. **Mulher e esporte no Brasil**: entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a prática, v.8 n. 1, p. 85-100, 2006

GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Caderno de formação RBCE, p. 71-83, março de 2010.

GOMES, N. L. **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, vol. 29, 2003.

GOLDIM, J.R. Bioética: **Origens e Complexidade**. Revista HCPA, 2006

GROSSI, M. P. **Identidade de gênero e sexualidade**. 1998.

JAEGER, A; GOELLNER, S.V. **O músculo estraga a mulher?** A produção de feminilidades no fisiculturismo. Estudos Feministas, Florianópolis, v.19, n.3 p. 955-975, setdez, 2011.

JACQUES, M. G. C. **Identidade**. In M. G. C. Jacques (org.). Psicologia Social Contemporânea. Petrópolis: Vozes, 1999.

KRONBAUER, G. As HQ'sea **Formação da consciência moral das crianças**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2010.

KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do Esporte. Ijuí:Unijuí, 1994

LIMA VAZ, H. C. de. **Escritos de filosofia**: ética e cultura. São Paulo: Loyola, 2000.

- LIPOVETSKY, G. **Metamorfoses da cultura liberal**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LOURO, G. L. (Org.). **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, M. V. (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1995.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco (CA): Jossey-Bass, 1998
- NEIRA, M.G. **A abordagem das diferenças no currículo cultural da Educação Física**. Humanidades & Inovações, Palmas, v.7, 2020.
- NEIRA, M. G., & GRAMORELLI, L. C. **Embates em torno do conceito de cultura corporal: gênese e transformações**. Pensar a Prática. 2017 p. 10.
- NOGUEIRA, Q. W. C. **Educação física, cultura e a produção de significados**. Educar em Revista, 2005.
- OLIVEIRA, C. L. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Travessias, 2, n. 3, 2008.
- OLIVEIRA, M.C. **Plano de aula: ferramenta pedagógica da prática docente**. In.: Pergaminho. Patos de Minas: UNIPAM, (2): 121-129, 2011.
- PIAGET, Jean. **Os procedimentos da Educação Moral**. In: MACEDO, Lino de. Os cinco estudos de educação Moral. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- PEDRO, A. P. **Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum**. vol. 55 nº 130. Belo Horizonte: Kriterion, 2014.
- REIS, T.; EGGERT, E. **Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros**. Educação & Sociedade, v. 38, n. 138, 2017.
- RENGEL, P. GUAZZELLI, C. T. **Reflexões sobre a ética na educação**. 2016
- SEVERINO, A. J. **A busca do sentido da formação humana: Tarefa da Filosofia da Educação**. Educ. Pesquisa: São Paulo, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: **Uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto alegre, v. 20, n. 2, p. 75 a 89, jul./dez. 1995.

SILVA, J. M. **A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade**. X Coloquio Internacional de Geocrítica. Diez años de cambios en el mundo, en la geografía y en las ciencias sociales - 1999-2008. Universidad de Barcelona. Barcelona, 26 - 30 de mayo de 2008.

TORMENA, A.A.; FIGUEIREDO, J.A. **Planejamento: a importância do plano de trabalho docente na prática pedagógica**. 2010.

VINHA, T. P. **O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista**. Campinas: Revista do Cogeime. v.1, n.14. p. 15-38, Jul. 1999

VASQUEZ, A. S. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.